



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ENSINO DE PSICOLOGIA POR MEIO DE UMA ANÁLISE CINEMATOGRAFICA: O ENIGMA DE KASPAR HAUSER SEGUNDO VYGOTSKY

Letícia de Sousa Eduardo ⁽¹⁾; Paloma Cardozo Gurgel ⁽¹⁾; Francisca Jocilânia Dantas de Sousa⁽¹⁾;
Sofia Dionízio Santos ⁽²⁾.

^{1.} *Discentes da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Cajazeiras (PB), Brasil.*

^{2.} *Docente da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Cajazeiras (PB), Brasil.*

Resumo: Trabalhando a singularidade de cada ser humano, sobretudo na construção da subjetividade pelas experiências e história de vida, bem como no papel da cultura na definição do desenvolvimento psicológico do sujeito, buscou-se analisar um personagem, KasparHauser, que não correspondia, na época em que viveu, (séc. XIX), aos padrões de comportamento tidos ou esperados como "normais" dentro da sociedade da época. Esse personagem é protagonista da obra cinematográfica "O Enigma de Kaspar Hauser", a qual narra a história de um garoto que fora isolado do contato humano, causando graves consequências ao seu desenvolvimento neuropsicológico. Abordamos no decorrer deste estudo, uma análise teórico-narrativa da obra supracitada respaldada pela teoria de Lev Semenovich Vygotsky. Será citado o raciocínio vygotkyano no decorrer do trabalho, fazendo comparações com as cenas que foram transcritas do filme, adaptando explicações à obra. A história é baseada em fatos reais, o que permite adaptar as teorias ao que chamamos de "estudo psicológico virtual". Essa análise traz reflexões acerca do papel social, histórico e cultural da humanidade, demonstrando que o ser humano necessita das influências do meio social para um adequado desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: "Enigma de KasparHauser", Vygotsky, Aprendizagem.

Introdução

A busca pela aprendizagem é inata ao seres humanos, sendo a mesma relacionada com a singularidade de cada indivíduo. De acordo com Alicia Fernandez (2001), todo sujeito tem a sua maneira única de aprender e os meios de construir seu conhecimento. Esse processo singular de cada ser humano inicia-se desde o nascimento. Assim, as mudanças que acontecem no comportamento de cada indivíduo são resultados das suas relações entre as experiências anteriores e os novos conhecimentos interiorizados.

Esse processo de aquisição de conhecimento pode ser agradável ou doloroso, está



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

relacionado da maneira como é adquirido. Sendo um processo cognitivo, e como processo, está inter-relacionado a inúmeros fatores que envolvem o homem em sua totalidade: emocional, física e intelectual (ALEXANDRE, 2009).

O processo de aprendizagem é subjetivo e individual, inerente a cada pessoa, uma vez que ele envolve aspectos da personalidade de cada um indivíduo e está ligado às expectativas, experiências, anseios e receios, envolvendo, dessa forma, toda a história pessoal. Assim, de acordo com Saboya (2001), nem todas as pessoas aprendem as mesmas coisas da mesma maneira e com a mesma profundidade, cada indivíduo aprende coisas novas atribuindo-lhes significados ou valores diferentes de acordo com sua história pessoal e a cultura de seu grupo social, visto que a aprendizagem está vinculada aos estímulos que o indivíduo recebe do meio onde vive.

Nessa perspectiva, pretende-se, com este artigo, realizar uma análise da obra cinematográfica: “O Enigma de Kaspar Hauser”, 1974, utilizando teorias vygotskianas sobre o processo de aprendizagem. Este trabalho se torna relevante à medida que instiga reflexões aos pesquisadores da área sobre os fatores inerentes ao desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Metodologia

Trata-se de uma análise teórico-narrativa, respaldada na teoria de Lev Semenovich Vygotsky, da obra cinematográfica “O Enigma de Kaspar Hauser”. Para isso foram transcritas determinadas cenas do filme que fundamentaram as discussões teóricas baseadas no pensamento de Vygotsky.

Resultados e discussões

Baseado em uma história real, o filme: “O Enigma de Kaspar Hauser”, de 1974, do diretor alemão Werner Herzog, retrata a história de um menino criado dentro de um pequeno espaço, sem qualquer contato com outro ser humano, alimentando-se de pão e água que lhe era cedido por meio de um homem misterioso, sendo o seu parentesco não revelado no filme. Kaspar Hauser até mais ou menos seus 16 anos nunca interagiu com pessoas ou com a natureza, não tendo aprendido a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

assimilar conceitos e interagir de nenhuma maneira com pessoas, começando seu processo de aquisição da linguagem e de inserção na sociedade na adolescência (SACHETE; BRISOLARA, 2014).

Um homem misterioso ajudou Kaspar Hauser, lhe ensinou o que era um cavalo, o fez ficar de pé pela primeira vez, tirou-o do calabouço e levou-o à Praça de Nuremberg, onde o deixou com o seu destino. Lá estava ele, estagnado no meio da praça, com uma carta na mão, se ninguém fosse até ele, ele ficaria lá por dias, meses, anos. Tudo o que tinha aprendido, ou melhor, tentado aprender, era uma frase que aquele homem ensinara: “Devo me tornar tão bom cavaleiro quanto meu pai foi.” Depois de passar algum tempo em pé no meio da praça, aparece um senhor que faz uma pergunta para o rapaz:

“- O que quer aqui?”

- Cavalo! – Responde Kaspar, sem ter noção do que falara.

- Perguntei o que quer aqui... – O senhor repete a pergunta sem entender a resposta.

- Como meu pai foi. – Kaspar fala mais uma vez incoerentemente, pois eram estas as únicas palavras que aprendera.

O primeiro momento da obra retrata algumas das limitações apresentadas por Kaspar Hauser, relacionadas, sobretudo à ausência de contato com outros seres humanos. Em virtude do cárcere em que viveu, desprovido de qualquer contato humano social e educacional, o mesmo não desenvolveu a capacidade da comunicação e não conseguia interagir satisfatoriamente com as pessoas, por isso foi levado para uma torre onde era comum colocarem as pessoas que estariam à margem da sociedade.

Kaspar Hauser possuía características biológicas humanas, no que diz respeito à filogênese, conceito fundamental interacionista, os planos genéticos. A filogênese tem base na história da espécie, nesse caso, a humana, que desde os seus ancestrais deu a ele capacidade de adquirir características e aperfeiçoamentos. Kaspar Hauser não adquiriu contato com as pessoas quando mais jovem, a única maneira que ele tinha para adquirir aprendizagem seria pela experiência (OLIVEIRA, 1992). Imagine se nosso aprendizado fosse determinado por uma máquina pré-determinada, cuja essência precede a existência, todo ser humano teria que começar tudo do zero, até os mais simples comandos neurais dependeriam unicamente do nosso código genético. Porém



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sabemos que necessitamos de estímulos internos e externos, sendo assim se faz tão importante a aprendizagem e a interação humana. Nesse sentido, a convergência com Vygotsky se dá à medida que se trata de um autor interacionista, ou seja, ele leva em consideração as disposições inatas e as influências externas ao indivíduo.

- Onde quer ir? É estranho aqui? Posso ajudá-lo, talvez com a carta? Quer entregá-la a alguém? Deixe-me ver."

Hauser permanecia parado, não respondera mais nenhuma palavra. O curioso senhor então se virou e leu o que tinha na carta: "Para o senhor capitão da cavalaria do quarto esquadrão, sexto regimento da cavalaria".

"- Hum, fica logo ali. Na Rua Augustin, na esquina. O capitão mora lá. Quer que eu leve até lá ou a algum outro lugar? Diga-me de onde você vem? De Ansbach? Eriangen? Regensburg?"

- Regensburg. – Repetiu Kaspar, apenas pela capacidade de repetir palavras.

- Muito bem. Venha comigo."

Nesse momento do filme, percebe-se que há uma carência do protagonista no que se refere à linguagem, isso acontece devido à sua ausência de interação social. O mesmo reproduzia apenas o que fora ensinado de maneira superficial pelo misterioso homem. Nessa perspectiva, percebe-se que a linguagem foi desenvolvida culturalmente pela humanidade, as pessoas a criaram para se comunicarem, sendo responsável, dentre outros fatores, pela organização do pensamento.

Assim, as relações entre pensamento e linguagem seriam fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo, sobretudo a partir da perspectiva da mediação social, que para Vygotsky é dada a partir do seguinte pensamento:

A concepção do significado da palavra como uma unidade tanto do pensamento generalizante quanto do intercâmbio social é de valor inestimável para o estudo do pensamento e da linguagem, pois permite uma verdadeira análise genético-causal, o estudo sistemático das relações entre o desenvolvimento da capacidade de pensar da criança e o seu desenvolvimento social." (VIGOTSKI, 1999, p. 8).

Vygotsky descreve que o processo de desenvolvimento ocorre por meio dos fatores ambientais no qual o indivíduo está inserido. Sendo assim, ele afirma que o aprendizado humano



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tem início bem antes de seu ingresso na vida escolar, das vivências que iniciaram desde o seu nascimento. Nesse sentido, o ser humano já se encontra inserido em uma cultura, relacionando-se com outros sujeitos, que são responsáveis por mediar essa relação entre ele e a cultura.

Ao chegar à casa do capitão, o senhor que acompanhou Kaspar Hauser falou:

- “- Este rapaz vem de Regensburg. Tem uma carta para o capitão.*
- O capitão não está, só voltará à noite. – Responde o mordomo.*
- Sim, mas ele parece estar muito cansado. Não pode acomodá-lo?*
- Na casa, não.*
- Talvez na estrebalaria.*
- Cavallo. – Fala Kaspar Hauser.*
- Isso, com os cavalos, ele poderá descansar até o capitão voltar.*
- Cavallo! – Repete mais uma vez Kaspar.”*

Hauser dormia enquanto todos chegavam, inclusive o capitão. Quem poderia ser aquele rapaz? Ninguém fazia a menor ideia do que aquilo se tratava. Parecia estar desmaiado, já haviam tentado acordá-lo, mas de nada tinha adiantado. A única coisa que fizeram foi pegar a carta que estava presa em suas mãos, que ele quase não conseguiu largar. Ao arrancá-las de suas mãos, começaram a lê-la em voz alta:

“1828, para o nobre senhor capitão;

Envio-lhe um jovem que deseja servir seu rei. Ele foi deixado na minha porta no dia 7 de outubro de 1812. Sou um mísero trabalhador com dez filhos e mal consigo sustentá-los. Quando a mãe largou o filho para que eu criasse, não me deixou nenhuma informação. Por isso, não denunciei às autoridades. Ele não saiu de casa desde 1812 para que ninguém soubesse. Pode perguntar, mas ele não saberá responder. Eu o ensinei a ler e a escrever. E se perguntar o que quer ser, ele dirá que quer ser um cavaleiro, tão bom quanto seu pai foi. Se ele tivesse pais, creio que ele teria sido um jovem inteligente. Basta mostrar que ele entende. Senhor Capitão, ele não deve de forma alguma ser maltratado. Ele não sabe onde moro. Eu o trouxe durante a noite. Não quero que saibam o meu nome, por isso não assinarei esta.”

Kaspar estava trancado em uma torre, um lugar da cidade plausível para ladrões e vagabundos, as pessoas temiam que ele pudesse fazer algum mal a elas. Mas logo perceberam que aquele ser era brando e indefeso. Levaram-no para comer, o que foi difícil, pois o mesmo não sabia sentar à mesa, ou usar talheres.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo Bock, Furtado & Teixeira (2002, p. 124), uma criança adquire conhecimento sobre como falar, nomear determinados objetos, se comportar e viver, de acordo com seu meio cultural. Nessa perspectiva, esses elementos do mundo externo favorecem para o desenvolvimento do sujeito e das suas funções psíquicas superiores que determinam a complexidade da mente humana.

Na torre, uma criança estava ensinando-lhe elementos simples: o que era uma orelha, um braço, uma boca. Tudo estava sendo ensinado. Seu corpo era banhado todos os dias por uma jovem mulher, pois o mesmo era incapaz de praticar sua higiene pessoal. Hauser já havia aprendido muitas palavras que aquele menino lhe ensinara. Todavia, sentia bastante dificuldade nesse processo.

Soldados estavam indo à torre para realizar testes com Hauser. Levavam espadas e simulavam lutas com ele. Kaspar Hauser não movia um músculo. Ele não tinha noção que aquilo era perigoso. Foi aí que um soldado falou:

*“- Totalmente insensível, não reage nem mesmo a uma estocada.
- Agora vamos tentar com o fogo.”*

Nesse momento ele leva uma vela em direção à Kaspar Hauser, o mesmo não se mostrou assustado com aquilo. Pelo contrário, ao deixar a vela sob o chão, o rapaz leva suas mãos em direção à chama, com a qual se queima. Foi aí que lágrimas caíram dos seus olhos fúnebres.

A atitude de Kaspar Hauser frente à chama da vela demonstrada no filme pode ser explicada pela ausência de experiências diante de tal objeto. Logo, a primeira vez que ele tem contato com a vela, ela não tem noção do perigo. Posteriormente, em um segundo contato, ele terá adquirido uma relação mediada pela lembrança da experiência, que é a dor.

Na organização da sociedade, uma das instituições sociais responsáveis por promover a mediação entre o processo de aprendizagem e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é a escola. Vygotsky a considera um espaço fundamental para a formação dos conceitos: “A inter-relação entre os conceitos científicos e os conceitos espontâneos é um caso especial de um tema mais amplo: a relação entre o aprendizado escolar e o desenvolvimento mental da criança.” (Vygotsky, 1999, p. 117)

A ação do homem no mundo é mediada pela experiência de outras pessoas, por exemplo, se a mãe de uma criança avisa que não se deve tocar na vela porque queima, o sujeito irá obter uma



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

relação com a vela/fogo mediada pela intervenção da mãe, que o ensinou que aquilo queima, e que não se deve tocar no fogo. Percebe-se assim que, se não nos fossem transmitidas as mais diversas experiências, cada ser humano estaria começando as interações com o mundo sem nenhuma mediação prévia.

A teoria interacionista de Vygotsky tem como pressuposto que o desenvolvimento cognitivo acontece através da interação social entre duas ou mais pessoas, que trocam experiências, criando novos conhecimentos. Algumas proposições podem resumir a sua teoria de Vygotsky, tais como: “Na ausência do outro, o homem não se constrói homem” (OLIVEIRA, 1992, p.68).

Dessa forma, Vygotsky expõe que a aprendizagem depende das relações interpessoais. A relação do sujeito com o meio está continuamente mediada pelo outro. A aprendizagem e apreensão do mundo não é possível sem o outro, pois essa é a ferramenta que nos oferece a significação do mundo, podendo nos dá a permissão de refletir e questionar a realidade. Vygotsky defende o raciocínio de que não existe um desenvolvimento acabado e antecipado dentro de nós, aquele que vai se atualizando de acordo com o tempo ou conforme recebemos influência do meio externo. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 2002, p. 124)

Na torre, o rapaz tentava fazer com que um gato comesse com as mãos, ele apropriou-se da idéia de que comer com as mãos deveria ser um ato para todas as coisas vivas. Ele estava condicionado a isso. Queria fazer com que esse animal andasse sobre duas patas. O menino de oito anos que estava presente naquele momento tentava explicar-lhe que aquilo não era possível.

Um problema fora até ele naquele dia. Estava ficando muito caro para o município o sustento de Kaspar Hauser. “Talvez ele possa contribuir de alguma forma para o próprio sustento. Podemos tirar proveito do interesse do público.” Essa ideia fez com que as autoridades levassem o rapaz a fazer uma exibição, junto com artistas e animais de circo em praça pública.

*Ao terminar o espetáculo, Kaspar foge correndo daquele lugar, alguns artistas o acompanham na busca da liberdade que tanto almejavam. Hauser se esconde das autoridades. **“Quero ser um cavaleiro que voa, para um combate sangrento.”** Foi o que ele sussurrou baixinho dentro daquele porão que se escondera. Não demorou muito para que as autoridades conseguissem apanhar aqueles que fugiam e levá-los de volta, inclusive Kaspar Hauser.*



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesse contexto percebem-se os limites de capacidade de funcionamento psicológico, limites esses que caracterizam a filogênese. Um exemplo é o fato de que seres humanos não podem voar, pois, existem habilidades inatas quanto às funções desenvolvidas de cada ser mediante a classe de sua espécie. Quando Kaspar Hauser diz: “*Quero ser um cavaleiro que voa, para um combate sangrento*”, mostra-se desprovido da ideia de que entre voar e ser humano existe limites.

Depois de algum tempo, Kaspar Hauser encontra-se na casa de um homem, o Sr. Daumer. Na sala da casa do Sr. Daumer eles ouviam uma música triste tocada por um pianista. No decorrer da música surge um diálogo:

“- O que foi Kaspar? Algum problema?

- Soa forte no meu peito. A música soa forte no meu peito. Estou muito velho.

- Kaspar, você mal começou a viver. Tem um futuro inteiro pela frente.

- Por que tudo é tão difícil para mim? Por que não posso tocar piano como respiro?

- Ouça Kaspar, em dois anos que está comigo você aprendeu muita coisa. Agora, depois de velho, você tem que aprender tudo, pois nunca esteve entre os homens antes.

- Para mim os homens são como os lobos.

- Não diga isso. Veja o jovem Florian que mora conosco. Teve a infelicidade de perder toda a família e ficar cego, mas não lamenta. Passa os dias tocando piano sem saber tocar direito.”

Eles nutriam diversas conversas, falavam sobre os mais variados fatos. Ao passear com seu amigo pela cidade, olhando para o topo de uma torre, Hauser fez um comentário:

“- Isso é muito alto. Só um homem muito grande poderia ter construído isso. Eu gostaria muito de conhecê-lo.

- Não Kaspar, não é preciso ser tão grande para construí-la, pois existem andaimes. Entenderá quando eu o levar a uma construção. Você morou nessa torre, atrás daquela janela. Não se lembra?

- Isso não é possível, pois o quarto só tem alguns passos de largura. Não entendo. Quando estou dentro do quarto e olho à direita, à esquerda, à frente e para trás, só enxergo o quarto. Quando mim olha para a torre...

- “Eu”, não, “mim”.

- ...e depois me viro, a torre desaparece. Então o quarto é maior que a torre.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- Não Kaspar, não é isso. Tem que pensar melhor, ainda não entendeu. O que quer dizer?”

Mais tarde naquele mesmo dia Kaspar recebe a visita de cleros da igreja, onde realizaram um debate:

“- Kaspar, o que mais nos interessa saber é... Você já tinha alguma noção de Deus? No cativeiro, não pensou em algo que elevasse seu espírito?

- Eu não entendo essa pergunta. No cativeiro eu não pensava em nada, e não consigo imaginar que Deus do nada criou tudo, como vocês me disseram.

- Não adianta, ele não entende. – Sussurrou um padre para o seu amigo.

Esse diálogo com Kaspar Hauser permite destacar que as funções mentais superiores descritas por Vygotsky não estão completamente desenvolvidas no rapaz, comprovando o quanto a interação humana, que foi ausente durante a juventude de Hauser, é responsável pelo desenvolvimento de tais funções psíquicas. As funções mentais superiores que Vygotsky investiga são: planejamento, memória, atenção, lembrança voluntária, elaboração de conceitos, deduções mediante situações que exigem certo raciocínio, pensamento abstrato, e representações simbólicas (CAVALCANTI, 2005).

Uma das deficiências de Hauser é a capacidade de abstração, ele não é capaz de imaginar algo que esteja além da sua percepção sensorial, isso é perceptível no momento em que Kaspar perde a noção dos limites do quarto em relação à altura da torre, evidenciando que a sua percepção simbólica e abstração ainda não estão “maduras” o suficiente para entender a diferenciação das dimensões e distâncias.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2002), Vygotsky não considera a possibilidade de funções mentais inalteráveis, entende o cérebro com ênfase na plasticidade, de modo que a estrutura e função são moldadas ao longo da história da espécie e do indivíduo. Essa plasticidade faz com que o cérebro responda às novas funções criadas na história da humanidade sem que sejam necessárias transformações físicas, culminando numa ferramenta fundamental para o leque de possibilidades da realização humana.

Podemos presumir que, no caso de Kaspar Hauser, o processo de ensino formal veio tardiamente, sendo limitada a capacidade de formação de conceitos, principalmente dos conceitos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

científicos. O domínio da linguagem apresentado por ele não foi suficiente para o desenvolvimento da abstração e dos processos mentais correspondentes: “Aprender a direcionar os próprios processos mentais com a ajuda de palavras ou signos é uma parte integrante do processo da formação de conceitos” (Vygotsky, 1999, p. 73-74).

Considerações finais

Essa história traz um aprendizado único e envolvente no tocante à relação do papel social, histórico e cultural da humanidade, trazendo-nos questionamentos acerca da ideia de que o desenvolvimento psicológico do ser humano é inato. Mostra-nos que esse processo de desenvolvimento se caracteriza como profundamente dependente da aprendizagem, da cultura e do meio em que o indivíduo está inserido.

Sendo assim, a história de Kaspar Hauser nos permitiu reafirmar a importância da interação social, da convivência com a linguagem, mostrando que apesar da subjetividade humana e das características individuais de cada sujeito, o desenvolvimento é possível através da socialização, da dinâmica entre organismo e ambiente, visto que esses fatores foram apresentados de forma tardia a Kaspar Hauser, mostrando que ele não pode absorver completamente toda a gama de símbolos sociais envolvidos nesse processo.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, P. C. A. Discutindo a relação professor-licenciado e aluno-adolescente à luz da formação em psicologia. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. S. S.; SADALLA, A. M. F. A. Formação de professores: discutindo o ensino de psicologia. Campinas: Alínea, 2000, p.97-118.

ALEXANDRE, S. F. **Aprendizagem e Suas Implicações No Processo Educativo**. Aurilândia–GO, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia. FURTADO; Odair. TEIXEIRA. Maria de Lourdes Trassi; **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. Ed. - São Paulo: Saraiva, 2002;

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

207, Aug. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200004&lng=en&nrm=iso>.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes. 1995. p.15-59.

FREITAS, Mário. **Revista Portuguesa de Educação**, Distinção entre ser vivo e ser inanimado; 1989, 2 (1), 33-51, Portuga.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. In: Piaget, Vygotsky, Wallon - Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992;

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

SABOYA, Maria Clara Lopes. *Psicol. USP*. O enigma de kasparhauser (1812?-1833): uma **abordagem psicossocial, vol.12 no.2 São Paulo 2001**.

O ENIGMA DE KASPER HAUSER. Werner Herzog (Dir.). Distribuição Versátil Home Vídeo. Alemanha: 1974, 1 DVD, 109 min., son., color.

SACHETE, A. S; BRISOLARA, V. S.; *Análise Vigoskyana Do Filme O Enigma De KasparHauser. Santa Cruz do Sul*, v. 38, n. 65, p. 114-124, jul. dez. 2013.

FERNANDÉZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky, Wallon:teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.